



UNIVERSIDADE  
E D U A R D O  
MONDLANE

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE  
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

**Reconfiguração do uso do espaço em contexto de  
arrendamento em um assentamento informal: um estudo  
entre agregados no bairro Maxaquene “B”, cidade de  
Maputo**

**Candidata:** Deolinda Fernando Mabote  
**Supervisor:** Emídio Vieira Salomone Gune

Maputo, Outubro de 2017

**Reconfiguração do uso do espaço em contexto de arrendamento em um  
assentamento informal: um estudo entre agregados no bairro Maxaquene  
“B”, cidade de Maputo**

Trabalho de Culminação de Estudos na Modalidade de Projecto de Pesquisa em  
cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em  
Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo  
Mondlane.

A candidata

---

Deolinda Fernando Mabote

Supervisor

Presidente

Oponente

---

Maputo, Outubro de 2017

**Declaração de originalidade**

Declaro que este relatório de pesquisa é original. Que o mesmo é fruto da minha investigação estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente para a obtenção de qualquer grau académico.

---

Deolinda Fernando Mabote

Maputo, Outubro de 2017

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho à minha mãe Amélia José Banze, minha fonte de inspiração, que tudo faz para ver os seus filhos formarem-se e que sem ela não teria conhecido o valor da escola.

## **Agradecimentos**

A Deus pelo dom da vida e por ter iluminado o meu caminho para seguir em frente todos os dias da minha vida. Ao meu supervisor Emídio Gune, pela sua excelente orientação, ensinamentos, sugestões, paciência, dedicação na minha vida académica, por ter acreditado na minha capacidade para elaboração do trabalho de pesquisa e por tornar possível este trabalho de licenciatura. A todos os docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia que muito contribuíram para a minha formação académica.

Aos meus pais, Fernando Mabote e Amélia Banze pela educação, apoio, carinho, atenção, na vida e no meu percurso estudantil.

Aos meus irmãos Hélio Salimo, Carvalho Mabote, Edson Mabote, Armando Mabasso, Nádia Mabote, Augusto Mabote e Cleid Mabote, meus sobrinhos Michaque Siteo, Melany da Amélia e Locua Salino pelo apoio incondicional. Ao Gércio Machava pelo, carinho, paciência conselhos durante a minha formação.

As minhas amigas Suzana Macuvele e Cristia Simbine pelo ombro amigo, conselhos que deram na minha vida e na formação académica. A mana Clésia Mabunda, Nelson Tivane e a Elisabete Betane por tudo que fizeram durante a minha caminhada estudantil. As minhas colegas da residência Edilia Noiça, Ana Maria Chavier, Celita Penaza e Criss Matebule pela força durante o meu percurso académico.

Aos colegas do curso de Antropologia com destaque para Anifa Graciete, Fátima Carimo, Imílido Vilanculos, Gabriel Muchoto, Abílio Galengale, Aníbal Chauque, Belone Devesse, Vitorino Mangação, António Chavana, Alberto Mahumane e Sheila Dimande por terem compartilhado as suas experiências académicas comigo.

Aos participantes de presente pesquisa agradeço pelo tempo, paciência e disponibilidade que tiveram para a realização deste trabalho de pesquisa.

*Khanimambo*

## **Resumo**

O presente trabalho analisa a reconfiguração no uso dos espaços no contexto de arrendamento em um assentamento informal entre agregados no bairro Maxaquene “B” na cidade de Maputo. Da literatura analisada compreendi que existem contextos nos quais privados arrendam casas para pessoas de classe média alta, governos arrendam casas para ajudar pessoas com salários baixos a adquirirem uma casa ou pessoas que alugam partes de suas casas a outras pessoas. Adicionalmente compreendi a dimensão das relações que ocorre em contextos de arrendamento ou de convivência de várias famílias em um mesmo agregado.

De modo a aprofundar essa dimensão de relações e do uso do espaço em contextos de arrendamento em assentamentos informais, e orientada pela ideia de Lopes (2010) sobre reconfiguração como modificação do espaço e das relações sociais, fiz um estudo etnográfico no contexto de arrendamento em um assentamento informal entre agregados no bairro Maxaquene “B” na cidade de Maputo.

O presente estudo ao mostrar o arrendamento informal como um meio habitacional temporal e de partilha do mesmo espaço e das relações com o proprietário, ocorre uma reconfiguração no uso dos espaços e no tipo de relações estabelecida entre os membros dos agregados, permite aprofundar dinâmicas nas relações e nos usos dos espaços no quotidiano do arrendamento em assentamentos informais.

**Palavras-chave:** Arrendamento, reconfiguração, espaço e relações.

## Índice

Declaração de originalidade .....	ii
Dedicatória .....	iii
Agradecimentos .....	iv
Resumo.....	v
1. Introdução.....	1
2. Revisão da Literatura.....	3
3. Enquadramento teórico e conceptual.....	6
3.1. Quadro teórico.....	6
3.2. Conceitos.....	6
4. Procedimentos metodológicos .....	8
4.1. Método e etapas da pesquisa .....	8
4.2. Identificação dos participantes da pesquisa .....	8
4.3. Processo de registo, tratamento e análise de dados .....	8
4.4. Constrangimentos.....	9
5. Reconfiguração do uso do espaço em contexto de arrendamento.....	10
5.1. Localização e caracterização dos locais de pesquisa.....	10
5.2. Aspectos legais sobre arrendamento de casas em Moçambique .....	10
5.3. Perfil dos participantes da pesquisa.....	12
5.4. O uso do espaço e relações antes do arrendamento.....	12
5.5. Recursos e o processo que levou ao início do arrendamento .....	17
5.6. O uso do espaço e relações depois do arrendamento.....	20
6. Considerações finais.....	25
Referências .....	26

## **1. Introdução**

O presente trabalho analisa a reconfiguração do uso dos espaços em contexto de arrendamento. O interesse em estudar este assunto começa a partir de uma conversa que tive com um colega inquilino bairro Maxaquene “B”, certo dia ele levou-me a casa onde vivia. Chegados ao local apresentou-me a dependência na qual ele vivia, as outras seis dependências e casa principal.

Nesse processo, ele referiu que a proprietária das casas ocupava uma das dependências e a casa maior era ocupada por um inquilino. Durante esta experiência perguntei porque é que a proprietária daquele espaço vive na dependência e arrenda a casa maior e as restantes dependências? Ela respondeu: “porque precisa de dinheiro”. Depois daquele acontecimento fiquei interessada em desenvolver uma pesquisa etnográfica sobre o arrendamento de casas no quarteirão 18 do bairro Maxaquene “B” na cidade de Maputo.

A partir da literatura analisada compreendi que existem contextos nos quais privados arrendam casas para pessoas de classe média alta, governos arrendam casas para ajudar pessoas com salários baixos a adquirirem uma casa ou pessoas que arrendam partes de suas casas a outras pessoas. Adicionalmente compreendi a dimensão das relações que ocorre em contextos de arrendamento, o uso de espaços nesses contextos e a convivência de várias famílias em um mesmo agregado, ficando por aprofundar essa dimensão de relações e do uso do espaço em contextos de arrendamento em assentamentos informais.

Para aprofundar esses aspectos fiz um estudo etnográfico no contexto de arrendamento entre agregados no bairro Maxaquene “B”, um assentamento informal, na cidade de Maputo, orientada pela ideia de Lopes (2010) sobre reconfiguração como modificação do espaço e das relações sociais.

Com base nos dados da pesquisa percebi que antes do arrendamento os proprietários partilhavam os espaços das casas, incluindo as dependências com o seu agregado familiar. Nesse período eles partilhavam as suas casas e os espaços dentro do quintal com os membros do seu agregado e com vizinhos com os quais se relacionavam.



Com o início do arrendamento, os proprietários das casas passaram a cede-las aos inquilinos por via de arrendamento da casa inteira, quarto ou dependência. Nessa nova situação, os proprietários para além dos filhos passaram a partilhar os espaços da casa com os inquilinos e a sua relação passou a incluir os inquilinos, para além dos vizinhos e membros do agregado.

Esses resultados permitem considerar que com o início do arrendamento ocorreu uma reconfiguração no uso dos espaços e no tipo de relações estabelecidas entre os membros dos agregados. Esses resultados alargam a compreensão sobre o quotidiano em contextos de arrendamento em assentamentos informais que podem complementar a literatura que analisa contextos de arrendamento em assentamentos formais.

Um estudo como este pode fornecer informação sobre arrendamentos em assentamentos informais que pode ser útil para as autoridades que lidam com questões tributárias, uma vez constituem uma oportunidade para aumento de receitas por via de cobrança de impostos previstos por Lei para situações como essas.

O presente trabalho está organizado em seis partes. A primeira parte, que compõe a presente introdução, na qual apresento a problemática da pesquisa e a estrutura do trabalho. Na segunda parte apresento a revisão de literatura e na terceira parte apresento o enquadramento teórico conceptual, nesta parte apresento a teoria e os conceitos usados na pesquisa. Na quarta parte apresento os procedimentos metodológicos. Nesta parte apresento as etapas da pesquisa, os métodos e as técnicas que usei na recolha, tratamento, organização, análise dos dados, o perfil dos participantes, selecção dos participantes da pesquisa e por fim os constrangimentos que enfrentei.

Na quinta parte analiso a reconfiguração no uso dos espaços e nas relações em contexto de arrendamento em quatro secções. Na primeira secção apresento a localização e caracterização do local da pesquisa, na segunda apresento aspectos legais sobre o arrendamento na terceira como eram os espaços antes do arrendamento das casas, na quarta os espaços depois do arrendamento. Na última parte do presente trabalho, apresento as considerações finais.

## **2. Revisão da Literatura**

Nesta parte do trabalho analiso literatura sobre arrendamento. Ao analisar o arrendamento Medvedovski (2006) afirma que o programa de arrendamento residencial (PAR) esta preocupado em deixar a população em lugares com infra- estruturas de acesso de modo a preencher os vazios urbanos. A explicação apresentada por Medvedovskiet al permite compreender o arrendamento de imóvel no âmbito urbano criado pelo programa de arrendamento residencial.

Com uma posição diferente do Medvedovski (2006), Kalil e Gelpi (2013) aborda acerca do PAR voltado para o arrendamento de imóveis como uma política de habitação onde olha para o atendimento da população de baixa renda, onde depois de algum tempo podem adquirir a casa por meio do arrendamento do imóvel passado algum tempo. A explicação de Kalil e Gelpi (2013) permite compreender o arrendamento do imóvel nos programas de arrendamento como um meio de aquisição do mesmo de acordo com o tempo de contrato.

Com uma posição complementar a de Kalil e Gelpi (2013), Honda e Alvim (1891) afirmam que os rendeiros têm direitos restritos sobre o imóvel para qualquer alteração do mesmo conforme as necessidades. Esta explicação permite compreender que os rendeiros como pessoas que estão privadas de fazer alguma mudança no imóvel antes do imóvel ser seu.

Com uma ideia complementar a de Honda e Alvim (1891), Leite (2005) mostra a insatisfação dos rendeiros em relação ao projecto dos apartamento construídos pelo (PAR) e que não tem como melhorar segundo as regras estabelecidas pelo programa de arredamento residencial. A explicação de Leite (2015) permite compreender que os proprietários têm feito agenciamento por meio de regras que estabelecem e que obriga o seu uso sem poder realizar arranjos a seu gosto.

Sobre gostos dos arrendatários, Reis e Lay (2002) afirmam que os rendeiros sentem a necessidade de melhorar o espaço e sugerem algumas alterações do mesmo. Posição similar partilhada por Flávia (2007) que afirma que os usuários pedem ao projecto arquitectónico reformar ou ampliar a moradia devido as condições que a mesma se encontra. Ainda sobre gostos dos clientes, Brito (2009) afirma que os usuários reclamam

dos espaços que lhes desagradem o que proporciona uma oportunidade aos proprietários ou empresas para identificarem e corrigirem problemas nas casas e deste modo beneficiar o cliente através do atendimento das suas necessidades e expectativas.

Com um prisma diferente dos autores acima analisados, Primus (1998) afirma que existem dois sectores de aluguer de casa. Uma pertencente a um proprietário privado que arrenda uma parte da casa, quarto ou dependência e a outra que pertence a instituições investidores. Para Primus (1998) as propriedades da família são menores, e não são vendidas futuramente, são para arrendar por um tempo determinado enquanto as moradias pertencente a instituições investidores são maiores, depois de um tempo de vivência podem vir a ser vendidas consoante as propostas feitas.

Ao explorar arrendamentos, Low (2008) introduziu a ideia de ser importante estudar o uso dos espaços para a compreensão da organização social do mesmo. Nessa direcção de estudos Hamdelman e Belkim (1984) analisam o espaço dentro da unidade habitacional como um dos recursos que a família usa para socializar os membros do agregado e no qual os membros são manipulados e alocados.

Com uma ideia complementar Kotharkar (2012) afirma que em contexto de arrendamento o uso do espaço e as relações entre os membros da família e a família visitante seguem regras influenciadas pela cultura existente. A explicação Kotharkar (2012) permite perceber que as pessoas usam os espaços de acordo com a sua cultura, e que durante o processo de arrendamento ocorre uma relação entre os membros da família e a família que arrenda.

No caso de Moçambique, Da Costa e Rodrigues (2007) afirmam que as estratégias de sobrevivência e de reprodução de populações que habitam nos bairros periféricos de Luanda e Maputo, tem juntado várias famílias em espaços domésticos e que nesses mesmos espaços resultam laços de solidariedade e de reciprocidade. A explicação de Da Costa e Rodrigues (2007) permite compreender o arrendamento como um meio de união de famílias no mesmo espaço doméstico, onde resulta em laços de solidariedade e reciprocidade, para além do cumprimento das regras estabelecidas.

No geral, da literatura analisada compreendi que existem contextos nos quais privados arrendam casas para pessoas de classe média alta, governos arrendam casas para ajudar pessoas com salários baixos a adquirirem uma casa ou pessoas que arrendam partes das suas casas a outras pessoas. Adicionalmente, compreendi a dimensão das relações que ocorre em contextos de arrendamento, o uso de espaços nesses contextos e a convivência de várias famílias em um mesmo agregado, ficando por aprofundar essa dimensão de relações e do uso do espaço em contextos de arrendamento em assentamentos informais.

### **3. Enquadramento teórico e conceptual**

#### **3.1. Quadro teórico**

Na presente pesquisa uso a teoria de reconfiguração para analisar o uso dos espaços e as relações sociais estabelecidas. Esta teoria defende que a reconfiguração é toda a modificação do espaço e das relações sociais (Lopes 2010).

A referida perspectiva permitiu-me perceber que no contexto onde realizei o presente trabalho ocorreu uma reconfiguração no uso dos espaços e no tipo de relações estabelecidas entre os residentes em cada um dos espaços arrendados.

Antes do arrendamento das casas os proprietários usavam todos espaços das mesmas somente com a sua família. Nesse período eles partilhavam as suas casas, os espaços do quintal com os membros do seu agregado e a relação era de pais com seus filhos. Com início do arrendamento, os proprietários das mesmas passaram a cedê-las aos inquilinos por via de arrendamento da casa toda, quarto ou das dependências.

Os proprietários para além dos filhos passaram a partilhar os espaços com os inquilinos e a relação passa a ser com os filhos, vizinhos e os inquilinos. Estes resultados permitiram-me compreender que com o início do arrendamento ocorreu uma reconfiguração no uso dos espaços e no tipo de relações estabelecida entre os membros dos agregados.

#### **3.2. Conceitos**

Neste trabalho uso os conceitos de reconfiguração e espaço que apresento a seguir.

##### **Reconfiguração**

Magalhães e Stephen (2001) defendem a reconfiguração como toda alteração das estratégias de vida dos indivíduos nas suas estruturas sociais, bem como a emergência de novas formas de produção e ocupação do espaço que reorganizam as suas relações sócias, conceito que uso neste trabalho.

Este pensamento permite compreender que a reconfiguração é toda alteração das estratégias da vida dos indivíduos nas suas estruturas sociais bem como surgimento de

novas formas para o ocuparem os espaços e fica por compreender a maneira como acontecesse essas alterações.

Diferentemente de Magalhães e Stephen (2001), Braga (2011) defende que a reconfiguração é a maneira como a nossa concepção da realidade muda. A definição de Braga (2011) permite compreender a maneira como os indivíduos percebem a mudança da realidade em que estão inseridos mas, perde de vista a maneira como essas mudanças ocorrem no dia-a-dia.

Lopes (2010) define reconfiguração como a modificação do espaço, formas e práticas sociais do período anterior aos nossos dias. Este pensamento permite compreender que a reconfiguração é toda a modificação do espaço e as relações sociais, conceito que uso no presente trabalho.

### **Espaço**

O conceito de espaço é definido por Santos (1999) como uma representação cartográfica numa perspectivado conhecimento geográfico. O pensamento de Santos (1999) permite compreender o espaço enquanto dimensão física, perdendo de vista a sua utilidade.

Com uma definição diferente Isnard (1978) define o espaço como a matéria-prima que a acção humana delimita de acordo com suas necessidades. Enquanto Isnard (1978) percebe espaço como a matéria-prima do homem Bonduk (2008) defende que o espaço é um conjunto indissociável de sistema de objectos e de sistemas de acções nos quais o homem recorre para fazer a sua vida.

Para Bonduk (2008) o espaço é um conjunto indissociável de sistema de objectos e de sistemas de acções nos quais o homem recorre para fazer a sua vida. Esta explicação permite compreender espaço como conjunto de sistema, objectos e de acções nos quais o homem recorre para fazer a sua vida, conceito que uso no presente trabalho.

## **4. Procedimentos metodológicos**

### **4.1. Método e etapas da pesquisa**

O presente estudo é de carácter exploratório. No estudo exploro os discursos dos indivíduos sobre o uso dos espaços e as narrativas de sobrevivência entre os proprietários e os inquilinos no bairro Maxaquene “B”. Realizei o presente estudo em três etapas complementares. Na primeira fase fiz a recolha dados exploratórios, na segunda fase fiz a revisão da literatura e na última construí o argumento do trabalho e organizei em secções que o sustentam.

Na primeira etapa recolhi dados. Para o efeito visitei as casas dos participantes onde mantive conversas informais e entrevista semi-estruturadas no período de Março de 2015 a Fevereiro de 2017. A partir dos dados delimito o tema da presente pesquisa.

Na segunda etapa fiz a revisão de literatura. Para o efeito consultei material nas bibliotecas do Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA), Central Brazão Mazula e no Centro dos Estudos Africanos (CEA). Nessas bibliotecas consultei relatórios, artigos e teses sobre a reconfiguração do uso do espaço e as relações sociais em contexto de arrendamento de casas. Na terceira etapa organizei e analisei os resultados.

### **4.2. Identificação dos participantes da pesquisa**

Para identificação dos participantes contei com apoio de colegas que vivem em casas de aluguer. O colega João apresentou-me a dona Regina que é proprietária da casa que ele aluga. Por sua vez a dona Regina levou-me a casa da vizinha dela onde conversei com a proprietária da casa e um dos seus inquilinos.

### **4.3. Processo de registo, tratamento e análise de dados**

Para o registo dos dados usei caderno de notas e algumas vezes usei o telemóvel para gravar as conversas nas mensagens de voz do mesmo para reter a informação. Quando chegasse a casa passava para o caderno. As gravações permitiram reter todas conversas no campo de estudo. Após a recolha dos dados, agrupei os dados no diário de campo a fim de encontrar similaridades nelas existentes. Posteriormente a este processo, construí um argumento e depois agrupei os dados em secções.

Quanto as conversas informais eram feitas no bairro Maxaquene “B” na casa dos participantes. Nelas conversávamos acerca das suas experiências de arrendar e partilhar o mesmo espaço com terceiros. Essas conversas decorreram nas segundas, quartas, alguns sábados e Domingo no período da tarde. As mesmas permitiram perceber as histórias dos participantes sobre o arrendamento de casa.

Quanto as entrevistas semi-estruturadas também aconteciam em casa das participantes. Na recolha de dados tive dúvidas nas entrevistas que estabelecia, e através dessas dúvidas elaborava questões em casa e voltava dia seguinte para clarificá-las.

#### **4.4. Constrangimentos**

Ao longo do estudo tive dois constrangimentos. O primeiro foi o facto de ter usado perguntas fechadas para a pesquisa, o que fazia com que os participantes tivessem respostas fechadas. Diante desta situação acabei por adoptar conversas informais e entrevistas semi-estruturadas de modo a permitir os participantes darem respostas mais detalhadas de acordo com as questões que lhes colocava. As conversas informais e as perguntas semi-estruturadas ajudaram a obter informações detalhadas sobre o assunto em estudo.

O segundo e último foi o facto de ter concentrado no bloco de notas ao invés de procurar perceber as narrativas dos participantes, chegado a casa percebia que tinha certa informação em falta. Diante desta situação acabei por adoptar o uso do gravador e o bloco de notas, que ajudou-me a reter todas as conversas com os participantes da pesquisa.

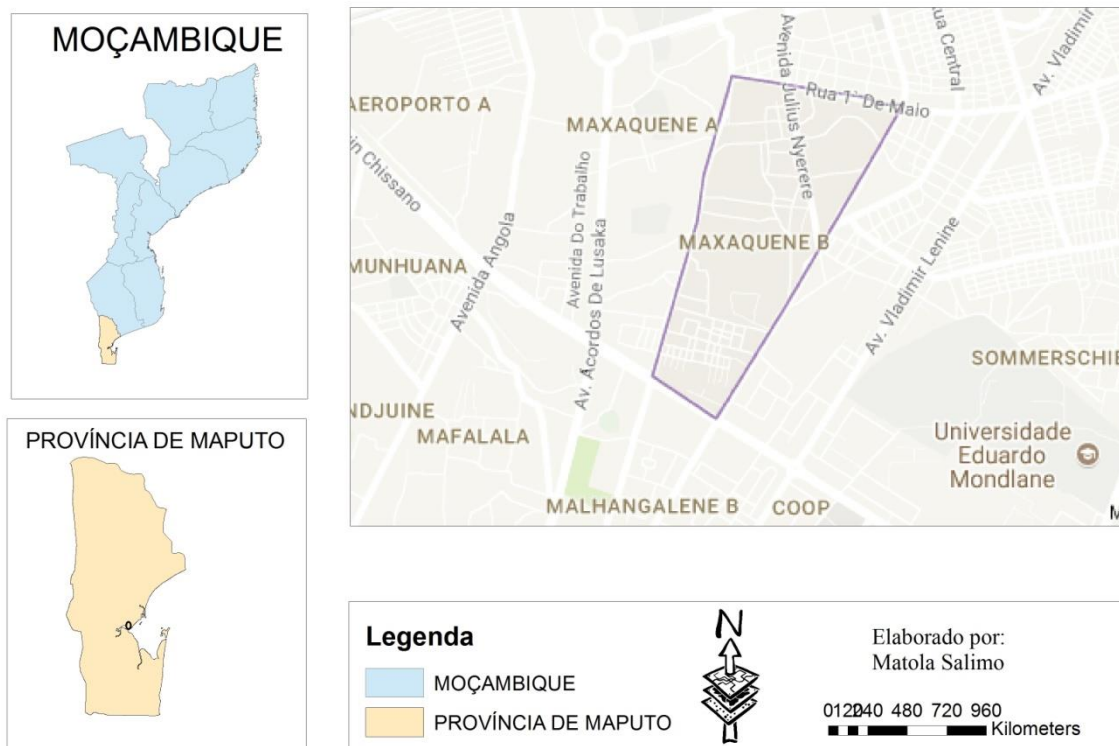


## 5. Reconfiguração do uso do espaço em contexto de arrendamento

Nesta parte do trabalho, apresento e analiso os dados de estudo em cinco secções. Na primeira secção, apresento a caracterização e localização do local da pesquisa, na segunda aspectos legais sobre o arrendamento em Moçambique, na terceira dos espaços antes do arrendamento das casas, na quarta recursos e processo que levou para iniciar com o arrendamento e a na quinta e última o uso dos espaços e relações depois do arrendamento.

### 5.1. Localização e caracterização dos locais de pesquisa

Nesta parte do trabalho apresento o local onde realizei a pesquisa, em quatro residências do bairro Maxaquene “B”, quarteirão 18 na cidade de Maputo, com as coordenadas geográficas de 25° 56'400'S e 32° 35'070'E em Moçambique.



### 5.2. Aspectos legais sobre arrendamento de casas em Moçambique

Na presente parte apresento alguns aspectos legais sobre o efeito do arrendamento de casa em Moçambique.

De principio os impostos eram regulados pela lei 15/2002 de 26 de Junho era o imposto de tributação directa que era o (ISRPC) é o imposto sobre rendimento das pessoas colectivas,

depois foi reformulada para IRPS s introduzindo alterações a tributação directa que incide e abrange o rendimento de pessoas colectivas .

Posteriormente em (2007) a Assembleia da República aprovou o novo código de imposto e o código de imposto sobre o rendimento a pessoas singulares. De acordo com a lei 31/2007 de 31 de Dezembro Assembleia da República através da legislação fiscal introduziu o código de Imposto Sobre o Rendimento das Pessoas Singulares (IRPS) e o Código do Imposto Sobre o Valor Acrescentado (IVA).

O código do IRPS é tributado pela pessoa que está privada do imóvel, onde o mesmo tem o dever de apresentar anualmente os ganhos que adquiriu do arrendamento à Autoridade Tributária.

A referida Lei defende que todo o valor que as empresas recebem dos proprietários das casas de ser apresentado a até ao dia 20 do mês seguinte (Decreto 8/2008 de 16 de Abril).

O outro imposto pago no processo do arrendamento é o IVA previsto na Lei 32/2007 de 31 de Dezembro. Esta lei defende que tipo de prestação de serviços, transmissão de bens, sujeitas a este tipo de imposto, e só esta isento ao pagamento se a locação for para fins habitacionais.

O código do IVA é tributado pela e a pessoa que esta a usufruir do imóvel. Ele paga o valor de renda acrescentando o pagamento do IVA para que o proprietário possa pagar as empresas, a referida postura defende que só os pagamentos do IVA são sujeitas só a pessoas que se encontram nas cidades (Lei 32/2007 de 31 de Dezembro).

A legislação apresentada nesta secção fornece bases para compreender algumas regras feitas pelo estado por via da Autoridade Tributaria para tributar o arrendamento de casas,

Os dados apresentados nesta secção permitem compreender que Assembleia da república por via da autoridade tributária mostra a existência de leis e regras que devem cumprir no arrendamento das casas. De acordo com a explicação do funcionário da autoridade tributária essas leis são desconhecidas ou ignoradas pelas pessoas arrendam as casas.

### 5.3. Perfil dos participantes da pesquisa

Na tabela abaixo, apresento o perfil dos participantes da pesquisa.

Nome	Idade	Naturalidade	Residência em Maputo	Ocupação
Zito	50 Anos	Maputo	Maxaquene “B”	Camionista
Judite	42 Anos	Quelimane	Maxaquene” B”	Domestica
Vitorino	27 Anos	Gaza	Maxaquene “B”	Estudante
Regina	60 Anos	Maputo	Maxaquene “B”	Domestica
Joana	37 Anos	Maputo	Maxaquene “B”	Vendedora

No total trabalhei com cinco participantes dos quais (3) são proprietários e (2) são arrendatários de idades compreendidas entre os 27 aos 60 anos de ambos sexos, sendo três naturais de Maputo, um de Gaza e outro de Quelimane, e tem a residência no bairro da Maxaquene “B”, no Distrito Municipal de KaMaxaquene. Todos têm ocupações diferentes, sendo dois como domésticas, um estudante, um vendedor e outro camionista.

### 5.4. O uso do espaço e relações antes do arrendamento

Na presente secção analiso a configuração dos espaços, seus usos e relações antes do arrendamento das casas. Quanto a configuração dos espaços, Zito partilhou como era o espaço na casa onde ele vive, antes do arrendamento,

*“Antes de iniciar com o arrendamento o meu quintal tinha esta casa de três quartos, uma sala, uma casa de banho dentro e uma cozinha e deste lado de fora tinha uma dependência com dois quartos e sala, uma casa de banho e uma cozinha”* (Zito, 50 anos de idade, pai de três filhos, residente no bairro Maxaquene “B” a mais de 20 anos, entrevista semi-estruturada, casa do participante, 16.05.2016).

A explicação apresentada por Zito permite compreender que antes do arrendamento o quintal estava composto por uma casa principal, uma dependência, um estendal, uma cozinha e uma casa de banho do lado do fora. Outra situação foi partilhada por Judite ,*“Esta casa grande que tem dois quartos e sala, cozinha, casa de banho dentro, deste lado de fora tem estas dependências e do lado de fora tem esta dependência de dois quartos e*

*esta outra de um quarto, um estendal e uma casa de banho porque éramos muitos, então sempre aumentavam”* (Judite, de 42 anos, mãe de três filhos, doméstica, residente no bairro Maxaquene “B” a mais de 20 anos, entrevista semi-estruturada, em casa do participante, 18.05.2015).

A partir da explicação que Judite apresenta compreendi que mesmo antes do início do arrendamento o quintal dispunha de uma casa grande, com três quartos, sala, cozinha e uma casa de banho dentro. Do lado de fora tem um estendal, uma casa de banho e duas dependências. Outra experiência foi partilhada por Maria,

*“Construí duas dependências, uma com um quarto e sala e a outra dependência com um quarto só, uma cozinha, casa de banho e um estendal aqui neste quintal ”* (Maria 47 anos, mãe de dois filhos, doméstica, residente no bairro Maxaquene “B” a mais de 20 anos entrevista semi -estruturada, em casa da participante, 20.06 2015).

A explicação que Maria apresenta permite compreender que antes do arrendamento o quintal da casa dela dispunha de duas dependências uma de um quarto e sala e a outra era um quarto somente com uma casa de banho, um estendal e cozinhavam ao lado da casa. Outra situação foi partilhada por Regina,

*“Minha filha antes de eu entregar essas dependências para arrendar eu e meu falecido marido tínhamos construindo esta casa que tem dois quarto e sala, aumentei este quarto aqui ao lado da casa para poder caber com os meus filhos e netos, Fiz este estendal, a cozinha e a casa de banho aqui fora para usarmos”* (Regina 60 anos, viúva mãe de seis filhos, com três netos doméstica, residente a mais de 50 anos no bairro Maxaquene “B”, entrevista semi- estruturada em casa da participante, 22.06.2016).

Da explicação que a dona Regina compreendi que antes do arrendamento o quintal dela dispunha de uma casa principal de dois quartos e uma sala, do lado de fora tinha uma casa de banho, uma cozinha e um estendal para secar a roupa.

Os dados analisados nesta secção permitiram compreender que antes do início do arrendamento havia dois tipos de casa no quintal dos participantes. No primeiro tipo as casas eram compostas por uma casa principal que era composta por três quartos, uma sala,

uma cozinha e uma casa de banho e no segundo caso a casa principal era composta por dois quartos, uma sala e no quintal tinha um estendal, uma casa de banho e uma cozinha usados pelos membros do agregado, como explico na parte que segue.

Quanto ao uso dos espaços antes do arrendamento, os dados permitem compreender que nessa altura, as casas eram habitadas pelos proprietários das casas com os seus filhos e o resto do espaço das mesmas eram usadas pelos membros dos agregados, tal como podemos observar no exemplo a seguir,

*“ Eu dormia na casa principal com a minha mulher e os dois meus filhos mais novos, na dependência dormia o meu filho mais velho e o resto do espaço guardávamos material da casa como (pá, carinha de mão, lonas, pilão e fogão). Utilizávamos a casa de banho, cozinha e o estendal que estão fora eu e a minha família” (Zito, 50 anos de idade, pai de três filhos, camionista, residente no bairro Maxaquene “B” a mais de 20 anos, entrevista semi – estruturada, casa do participante, 16.05.2016).*

A explicação apresentada pelo Zito permite compreender que antes do arrendamento o proprietário da casa ocupava a casa principal com sua mulher e o seus filhos e que tempo depois o filho mais velho saiu da casa principal para ocupar a dependência e a segunda dependência guardavam material da casa e ferramentas. Outra situação sobre uso do espaço da casa antes do arrendamento foi partilhada por Judite,

*“O meu pai dormia na casa principal com a minha mãe e os meus irmãos mais novos antes deles eles voltarem a Quelimane. As dependências serviam para armazenar material da casa e algumas vezes receber visita de familiares que vinham para aqui e Tudo que tem nesta casa usava com a família dele porque não estava ninguém de fora ” (Judite, de 42 anos, mãe de três filhos, doméstica, residente no bairro Maxaquene “B” a mais de 20 anos, entrevista semi-estruturada, em casa do participante, 18.05.2015).*

A explicação apresentada por Judite permite compreender que a casa principal era ocupada pelo pai com seus irmãos antes de regressar a Quelimane, as restantes duas dependências as vezes era ocupada por alguns membros da família que vinha visitar como também

guardava os materiais da casa como pá, carinha de mão, lona e fogão. Outra situação sobre uso do espaço da casa antes do arrendamento foi partilhada por Maria,

*“Eu dormia nesta casa com os meus filhos, depois de um tempo o meu filho mais velho passou a dormir na dependência do lado e usava o estendal, a casa de banho e a cozinha”* (Maria, 47 anos, mãe de dois filhos, doméstica, residente no bairro Maxaquene “B” a mais de 20 anos entrevista semi - estruturada, em casa da participante, 20.06 2016).

A explicação apresentada por Maria permite compreender que antes do arrendamento ela ocupava os espaços da casa com os seus dois filhos e partilhava o quintal, o estendal, casa de banho, e a cozinha com os seus filhos. Outra situação foi partilhada por Regina,

*“Durmo nesta casa principal com meus filhos e meus netos. Quando meu primeiro filho engravidou aumentei uma dependência e ele passou para lá para dormir com a minha nora e fiquei com os mais novos e os meus netos”* (Regina 60 anos, viúva mãe de seis filhos e com três netos, doméstica, residente em Maputo a mais de 30 anos bairro Maxaquene “B”, entrevista semi - estruturada em casa da participante, 22.06.2016).

De acordo com a explicação que Regina permite compreender que antes de ela iniciar com arrendamento ela ocupava a casa principal com os seus filhos e netos, a dependência era ocupada pelo filho com a sua esposa e o resto da casa era utilizada pelo agregado.

A partir dos dados analisados nesta secção compreendi que antes do arrendamento das casas existiram dois tipos de ocupação, onde o primeiro casa o espaço era usado pelos proprietários com a sua família e o segundo caso, os quartos e as dependências dormiam os filhos da casa e as outras para guardar diversos materiais de casa como e o caso do pilão, fogão, lonas, pá e carinha de mão.

Quanto as relações estabelecidas entre os membros do agregado antes do arrendamento percebi que a mesmas incluía pais, filhos, netos e ainda vizinhos como podemos observar no exemplo seguir,

*“Eu vivia com os meus filhos antes de eu arrendar e tínhamos uma relação de afinidade com eles porque não tínhamos nenhum segredo uns para com os outros e sempre compreendem-me”* (Zito, 50 anos de idade, pai de três filhos, camionista, residente no bairro Maxaquene “B” a mais de 20 anos, entrevista semi -estruturada, em casa do participante, 16.05.2016).

A explicação apresentada pelo Zito permite compreender que antes do arrendamento as relações eram de filhos, e vizinhos e a mesma era boa porque eles ouvem o que falo para eles sempre. Outra situação foi partilhada por Judite,

*“O meu pai só vivia com minha mãe e os meus irmãos e dividiam e partilhavam as coisas somente com eles”* (Judite, de 42 anos, mãe de três filhos doméstica, residente no bairro Maxaquene “B” a mais de 20 anos, entrevista semi-estruturada, em casa do participante, 18.05.2015).

Da explicação apresentada pela Judite compreendi que antes do arrendamento a relação que o pai tinha era com a sua família e com vizinhos e a relação era muito boa porque se entende com os seus filhos e seus vizinhos. Outra situação foi partilhada por Victor,

*“A dona da casa disse que antes de ela arrendar só vivia com os seus dois filhos e se relacionava com os seus filhos conversava com os seus vizinhos e tinha uma boa relação com eles porque se entendiam, sempre que há problema conversava entre eles ”* (Victor, 27 anos, estudante, residente no bairro Maxaquene “B” a quatro anos entrevista semi -estruturada, em casa do participante, 20.06. 2016).

Da explicação apresentada pelo Victor compreendi que antes do arrendamento a relação que ela tinha e de mãe para com os seus filhos e seus vizinhos e a relação era boa para com eles porque os filhos ouvem tudo que ele fala e o compreendem sempre e os vizinhos partilham coisas e conversava com eles. Outra situação foi partilhada por Regina,

*“Antes de eu alugar só vivia com os meus filhos e netos aqui em casa, e a nossa relação era só entre nós e era muito boa e as vezes conversamos com nossos vizinhos e a relação com eles e boa porque conversamos e quando não tenho sal costumo ir levar no vizinho”* (Regina 60 anos, viúva, mãe de seis filhos e com três netos, doméstica, residente no bairro

Maxaquene “B” a mais de 30 anos, entrevista semi - estruturada em casa da participante, 22.06.2016).

A explicação apresentada pela Regina permitiu-me compreender que antes do arrendamento a relação que tinha era com a sua família e com os seus vizinhos e era boa porque conversava com seus vizinhos e partilhavam alimentos quando precisassem.

A partir dos dados analisados nesta secção compreendi que antes do arrendamento os proprietários as famílias tinham relações com, filhos, netos e vizinhos e a mesma eram boas porque conversavam uns com os outros partilhavam alimentos, estendal e várias outras coisas da casa com os seus vizinhos. Esses resultados reforçam a ideia de Hamdelman e Belkim (1984) que consideram o espaço dentro da unidade habitacional como um dos recursos que a família usa para socializarem os membros do agregado

### **5.5. Recursos e o processo que levou ao início do arrendamento**

Quanto ao que faziam para viver antes do arrendamento percebi que os participantes eram funcionários em empresas publicas, faziam biscates ou trabalhavam no estrangeiro, como podemos observar nos exemplos que seguem,

*“Eu trabalhei na África do sul antes e depois deixei de trabalhar e voltei para casa. Comprei um camião e comecei a fazer biscato de transportar coisas das pessoas, mais vi que esse negócio não me dava muito dinheiro e apareceu ideia de arrendar casa para me ajudar com as despesas”* (Zito, 50 anos de idade, pai de três filhos, residente no bairro Maxaquene “B” a mais de 20 anos, entrevista semi-estruturada, casa do participante, 16.05.2016).

A explicação apresentada pelo Zito permite compreender que antes do arrendamento ele trabalhava na África do sul sustentava a sua família com o valor que ganhava como também dos biscates de camionista. Outra situação foi partilhada por Judite,

*“O meu pai trabalhava nos caminhos-de-ferro de Moçambique reformou, ele recebe todos os meses e utilizava esse dinheiro para sustentar a casa. Mas eu sempre dependi do valor que recebo das rendas sempre tiro um valor e o resto mando para o meu pai e as vezes o*



*pai dos meus filhos me da mesada das crianças e esse dinheiro me ajuda também”* (Judite, de 42 anos, mãe de três filhos, doméstica, residente no bairro Maxaquene “B” a mais de 20 anos, entrevista semi-estruturada, em casa do participante, 18.05.2016).

Da explicação que Judite apresenta compreendi que antes do arrendamento o pai sustentava a família com o valor que recebia quando trabalhava nos caminhos-de-ferro de Moçambique. Outra situação sobre o assunto foi partilhada por Victor,

*“A dona da casa e negociante, quando cheguei nesta casa para arrendar ela falou -me que faz negócios a 10 anos para poder alimentar os filhos, pagar a escola e cuidar da casa”* (Victor, 27 anos, estudante, residente no bairro Maxaquene “B” a cinco anos, entrevista semi-estruturada, em casa da participante, 20.06.2016).

A explicação apresentada pelo Victor permite compreender que antes do arrendamento da casa a proprietária da mesma onde ele arrenda sustentava a casa com o valor que ele ganha dos seus negócios. Outra situação sobre o assunto foi partilhada por Regina,

*“Quando meu marido estava vivo ele e que sustentava a casa porque trabalhava na África do sul, mais depois morreu e os meus filhos mais velhos começaram a fazer biscates para poder me dar dinheiro para a casa porque eu nunca trabalhei por causa do meu problema de vista”* (Regina 60 anos, viúva mãe de seis filhos e com três netos, doméstica, residente a mais de 30 anos no bairro Maxaquene “B”, entrevista semi-estruturada em casa da participante, 22.06.2016).

A explicação apresentada pela Regina permite compreender que antes do arrendamento quem sustentava a casa era o marido antes de falecer e que com o valor que ganhava nas minas da África do sul, depois os seus filhos com o valor que ganham dos negócios que faziam.

Quanto ao processo para iniciar com o arrendamento das casas entendi que, de acordo com os participantes, iniciaram com o arrendamento como fonte de renda ou de renda adicional. Um dos exemplos que permite perceber esse cenário foi apresentado por Zito,

*Primeiro a primeira coisa que me levou a arrendar a minha casa foi mesmo o dinheiro, porque eu queria fazer um negocio que poderia dar-me dinheiro para me ajudar a pagar as despesas da minha casa porque esta difícil a vida” (Zito 50 anos de idade, pai de três filhos, camionista, residente no bairro Maxaquene “B” a mais de 20 anos, entrevista semi – estruturada em casa do participante, 16.05.2016).*

A explicação apresentada pelo Zito permite compreender que para iniciar como arrendamento ele queria dinheiro para fazer um negócio que pudesse ajudar a pagar as despesas da casa e sustentar a sua família. Outra situação sobre o assunto foi partilhada por Judite,

*“Primeiro dizer que esta casa e do meu pai, eu não tive nenhuma decisão nela somente disse que estava a voltar para Quelimane, e que estava arrendar a casa maior porque não havia de ficar miguem e para poder fazer manutenção da casa, pagar energia, agua ia precisar de dinheiro por isso teve a ideia de arrendar e me mandar para Maputo viver na dependência e controlar a casa” (Judite, de 42 anos, mãe de três filhos, doméstica, residente no bairro Maxaquene “B” a mais de 20 anos, entrevista semi-estruturada, em casa do participante, 18.05.2016).*

Da explicação apresentada pela Judite compreendi que o pai iniciou com o arrendamento porque queria alguém para viver na casa e que pudesse dar dinheiro que pudesse ajudar a fazer manutenção da casa. Outra situação sobre o assunto foi partilhada pela Regina,

*“Eu decidi alugar porque os meus filhos saíram de casa e tinha quartos vazios onde dormiam os meus filhos, um dia desses veio minha vizinha a perguntar se eu não estava arrendar os quartos, logo aceitei a proposta porque precisava e preciso de dinheiro, não trabalho, nem tenho Machamba por causa da deficiência da visão que tenho” (Regina, 60 anos, viúva, mãe de seis filhos e com três netos, doméstica, residente no bairro Maxaquene “B” a mais de 30 anos, entrevista semi- estruturada em casa da participante, 22.06.2016).*

A partir da explicação apresentada pela Regina permite compreender que ela iniciou com o arrendamento primeiro porque tinha dependências vazias e com a proposta que deram para

arrendar aceitou porque o valor que ia receber ia ajudar a pagar as dispensas da casa porque ela não trabalha.

A partir dos dados analisados nesta secção compreendi que antes do arrendamento os donos das casas tinham trabalhos, onde alguns deles trabalhavam na África do sul, outros davam aulas e outros faziam negócios, biscatos para sustentar a casa e suprimir as suas necessidades.

E quanto ao início do arrendamento compreendi que os proprietários das casas iniciaram com o arrendamento alguns porque queriam dinheiro que fosse ajudar a pagar as dispensas da casa, escola dos filhos, manutenção das casas e ainda para o auto- sustento do agregado. Esta situação, a apresentada por Primus (1998) para quem proprietários privados arrendam uma parte da casa, quarto ou dependência por tempo determinado.

#### **5.6. O uso do espaço e relações depois do arrendamento**

Quanto ao uso dos espaços depois do arrendamento quando as casas passaram a ser partilhadas entre proprietários e arrendatários e outros intervenientes. Quanto ao uso do espaço depois do início do arrendamento foi partilhado por Zito como podemos ver no exemplo a seguir,

*“Eu entreguei a minha casa maior de três quartos, sala, cozinha e casa de banho para um inquilino e sai para viver nesta dependência com os meus três filhos. Tiramos as coisas que deixávamos num dos quartos da dependência para cozinha e usamos todos juntos o estendal eu e a família passamos a usar a casa de banho de fora e a cozinha de fora ”*  
(Zito, 50 anos de idade, pai de três filhos, camionista, residente no bairro Maxaquene “B” a mais de 20 anos, entrevista semi - estruturada, em casa do participante, 16.05.2016).

A explicação apresentada por Zito permite compreender que com o início do arrendamento a casa principal passou a ser habitada pelo inquilino e o proprietário da casa saiu da casa principal para morar na dependência com os seus filhos e usa a cozinha, casa de banho de fora, o estendal e o resto da casa é partilhado com os seus inquilinos. Outra situação sobre o assunto foi partilhada pela Judite,

*“O meu pai alugou esta casa grande de dois quartos, sala, casa de banho e cozinha para um senhor que vem de Gaza com sua família em missão de serviço. Eu ocupo esta dependência de quarto e sala com os meus filhos e aquela dependência ali esta um jovem estudante que esta arrendar”* (Judite, de 42 anos, mãe de três filhos, doméstica, residente no bairro Maxaquene “B” a mais de 20 anos, entrevista semi-estruturada, em casa do participante, 18.05.2015).

Da explicação apresentada pela Judite compreendi que o pai arrendou a casa para um inquilino quando estava para regressar a Quelimane. Quando ela chegou ocupou a dependência de um quarto e sala com os filhos e a outra dependência vive um inquilino e partilha a cozinha, o estendal e a casa banho de fora com o inquilino da dependência.

*“A dona Maria disse que saiu desta casa a três anos para viver num outro lugar e deixou seu primo a controlar a casa. Ela aumentou mais cinco dependências e estão em aluguer também o primo da proprietária vive num a destas dependências e a casa onde ela vivia e esta em aluguer, partilhamos o estendal todos nós, e três dessas dependências usam uma casa de banho as restantes três também partilham uma outra casa de banho e quanto a cozinha cada um faz as suas refeições dentro ou do lado da sua dependência”* (Victor, 27 anos, estudante, residente no bairro Maxaquene “B” a cinco anos, entrevista semi - estruturada, em casa da participante, 20.06 2016).

A explicação apresentada pelo Victor permite compreender que com o início do arrendamento a dona da casa saiu para um outro lugar e deixou seu primo numa das dependências para controlar. Também permite compreender que eles partilham o espaço, as casas de banho e o estendal uns com os outros. Outra situação sobre o assunto foi partilhada pela Regina,

*“Eu aluguei aquelas duas dependências porque os meus filhos já vivem na África do sul e vivo esta casa de dois quartos com os meus netos. Eu e as pessoas que estão arrendar as dependências usamos juntos a casa de banho, cozinha e o estendal”* (Regina, 60 anos, viúva mãe de seis filhos e avó de três netos, domestica, residente a mais de 30 anos no bairro Maxaquene “B”, entrevista semi- estruturada em casa da participante, 22.06.2016).

A explicação apresentado pela Regina permite compreender que depois do arrendamento ela aluga a suas duas dependências e partilha a cozinha, casa de banho, e o resto do espaço da sua casa com os netos e os inquilinos.

Os dados analisados nesta secção permitem compreender que depois do arrendamento passaram a existirem dois tipos de ocupação, onde na primeira alguns proprietários cedem, a casa principal e vão viver na dependência e no segundo os proprietários cedem as suas dependências para aluguer e partilham a casa de banho, cozinha, estendal e o restante dos espaços com aos seus inquilinos.

Os dados analisados nesta secção levam-me a concluir que com o início do arrendamento surge uma reconfiguração no uso dos espaços.

Quanto as relações estabelecidas depois de iniciado o arrendamento, os espaços passaram a ser partilhados para além dos filhos, netos e vizinhos passam a ser partilhadas com os inquilinos como podemos observar nos exemplos a seguir,

*“Passei a viver com pessoas de fora aqui em casa que estão a arrendar, então convivemos juntos e nos damos muito bem porque cumprem com as regras da casa. Só que não há mais aquela liberdade que eu tinha antes quando era eu e meus filhos porque existem coisa que passei a não fazer por ter pessoas de fora mais a relação com os meus vizinhos e boa aqui em casa”* (Zito, 50 anos de idade, pai de três filhos, camionista, residente no bairro Maxaquene “B” a mais de 20 anos, entrevista semi – estruturada, em casa do participante, 16.05.2016).

A explicação do Zito permite compreender que o facto de os inquilinos cumprirem com as regras estabelecidas por ele mantém boas relações e o facto de ele partilhar o mesmo quintal com os inquilinos tem algumas limitações em relação ao momento em que vivia apenas com seus filhos. Outra situação sobre o assunto foi partilhada pela Judite,

*“Eu considero os meus inquilinos como minha segunda família porque vivem aqui na minha casa não tem como não ter boas relações com eles porque não fica bem, sempre que há um problema procuramos resolver. Já tive uma inquilina que não nos entendiamos a*

*relação não era boa porque ela não cumpria com as regras que estabeleci e decide mandar sair daqui de casa por isso sempre tentamos ter boas relações ” (Judite, de 42 anos, mãe de três filhos, doméstica, residente no bairro Maxaquene “B” a mais de 20 anos, entrevista semi-estruturada, em casa do participante, 18.05.2016).*

A explicação da Judite permite compreender que o facto de partilhar o mesmo quintal com os inquilinos, faz com que os tenha como parte da sua família e procura ter boas relações com eles quando os mesmos cumprem com as regras estabelecidas por ela. Outra situação sobre o assunto foi partilhada pela Regina,

*“Aqui em casa vivemos em harmonia, porque nos damos bem, tanto com meus filhos como com essas pessoas que estão arrendar aqui na minha casa. As relações com os meus filhos não mudaram só tiveram que dar alguma atenção para além dos meus filhos, isto para as pessoas que vivem aqui em casa mas a relação com os meus vizinhos é boa ele quando não tem algo vem buscar aqui também costumo pedir neles” (Regina 60 anos, viúva mãe de seis filhos e com três netos, doméstica, residente a mais de 50 anos no bairro Maxaquene “B”, entrevista semi- estruturada em casa da participante, 22.06.2016).*

A explicação da Regina permite perceber que depois que começou a arrendar a casa, para além dar atenção somente nos filhos, passou também a dar atenção nos seus inquilinos com os quais partilha o mesmo quintal e que mantém uma relação harmoniosa.

Os resultados analisados nesta secção permitem perceber que os proprietários partilham o mesmo quintal com os seus inquilinos, e quando estes cumprem com as regras estabelecidas no acto de arrendamento surgem boas relações e harmonia entre eles, e no caso de não haver esse cumprimento das regras, o inquilino é retirado da casa.

Esses resultados levam-me a concluir que com o início do arrendamento surge uma reestruturação das relações dentro do espaço das casas, que tornam significativa o que Da Costa e Rodrigues (2007) referem sobre o facto de o arrendamento unir famílias no mesmo espaço doméstico, onde surgem laços de solidariedade e reciprocidade, para além do cumprimento das regras estabelecidas uma ideia também partilhada por Kotharkar (2012)

para quem em contexto de arrendamento o uso do espaço e as relações entre os membros da família e a família visitante seguem regras influenciadas pela cultura existente.

## **6. Considerações finais**

O presente trabalho analisou a reconfiguração no uso dos espaços e de relações no contexto de arrendamento em um assentamento informal entre agregados no bairro Maxaquene “B” na cidade de Maputo.

Da literatura analisada compreendi que existem contextos nos quais privados arrendam casas para pessoas de classe média alta, governos arrendam casas para ajudar pessoas com salários baixos a adquirirem uma casa ou pessoas que arrendam partes de suas casas a outras pessoas. Adicionalmente compreendia dimensão das relações que ocorre em contextos de arrendamento ou de convivência de várias famílias em um mesmo agregado.

De modo a aprofundar essa dimensão de relações e do uso do espaço em contextos de arrendamento em assentamentos informais, fiz um estudo etnográfico no contexto de arrendamento em um assentamento informal entre agregados no bairro Maxaquene “B” na cidade de Maputo.

A partir dos dados analisados e com recurso a ideia de Lopes (2010) sobre reconfiguração de espaços e relações percebi que no contexto analisado ocorreu uma reconfiguração no uso dos espaços e nas relações estabelecidas. No referido contexto, antes do arrendamento os espaços eram usados pelos proprietários das casas com o seu agregado e as relações eram partilhadas com os filhos, netos e com os vizinhos e depois do arrendamento os espaços e as relações para além do agregado passam a ser partilhados com os inquilinos.

Os resultados apresentados neste estudo são de carácter exploratório e podem servir como ponto de partida para futuras pesquisas para aprofundar os resultados aqui apresentados mas também para explorar outras questões como as experiências no quotidiano com tributação sobre habitação.



## Referências

Braga, A. 2011. “Sociabilidades digitais e a reconfiguração das relações sociais, Desigualdade e Diversidade”. *Revista de Ciências Sociais da PUC -Rio*, No 9. Pp. 95-104.

Bonduki, R. 2008. *Política e Sistema Nacional de Habitação. Plano Nacional de Habitação*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Administração Municipal

Costa, Ana Bernard e Rodrigues, C. 2007. *Estratégias de Sobrevivência de Famílias em Luanda e Maputo*. Lisboa: Livros editores, Pp: 113-122.

Castells. M. 1999. *A Sociedade em Rede*. São Paulo, Paz e Terra.

Deshpande, R. and Kotharkar, R. (2012). *'Dwellings' then and now: A topological approach for privacy analysis of 'Wada' and modern houses*. India.

Guerra, G. 2009. “Empreendimentos de Habitação de Interesse Social: O desafio na relação área,custo” *Teoria e Prática na Engenharia Civil*,No.14. Pp.51-58.

Handelman-Shangar, L. Belkin, R. 1984. “They won't have stay home forever: Patterns of home space allocation”. *UrbanAnthropology*, Vol.13, N°1, Pp.117-144.

Honda, S. e Alvim, A. 1891. “Habitação de baixa renda: Relação entre a política habitacional e actuação do capital privado por meio do programa de arrendamento residencial em Presidente Prudente-SP”, XIV ENTAC - *Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído*, Juiz de Fora São Paulo. Pp. 1891- 1900.

Isnard , H. 1978 *Espaço do Geógrafo*. Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, 36. Pp.258-259.

Kalil R. e Gelpi A. 2013. “Políticas públicas e habitação social: Avaliando a inserção social e sustentabilidade urbana” *Seminário Nacional de Construção sustentável*, Passo Fundo-RS. Pp. 1-10.

Leite, F. L. 2005. Contribuição para o agenciamento de requisitos do cliente em empreendimentos do Programa de Arrendamento Residencial. Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil, Escola de Engenharia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Lopes, G, Mourão Y. 2006. “Avaliação da satisfação de moradores do programa de arrendamento residencial em fortaleza-CE”, *A construção de futuro, XI Encontro Nacional da Tecnologia no Ambiente construído*. Brasil. Pp. 2426- 2435.

Lopes, F. 2010. “A reconfiguração dos veículos tradicionais de informação frente à popularização das mídias sociais Intercom” *Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Vitória, ES, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG.*

Low, M. 2008. “The Constitution of Space The Structuration of Spaces Through the Simultaneity of Effect and Perception”. *European Journal of Social Theory*, Vol .11, No1. Pp. 25-49.

Magalhães, A. e Stephen, S. 2001. “A Nova Classe Média e a Reconfiguração do Mandato Endereçado ao Sistema Educativo”, *Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto*, Rua do Campo Alegre, 1021/1055, 4169 – 004 PORTOPp. 1-16.

Marroquim, F. 2007. Avaliação pós ocupação de unidades residências modificadas de um conjunto habitacional em Maceió – *Flexibilidade, dimensionamento e Funcionalidade dos Ambientes*. Dissertação de Mestrado na universidade federal de Alagoas. Maceió, Pp. 155-169.

Meira, S. 1998. Avaliação Pós - Ocupação em um conjunto habitacional: um estudo de caso. In: *Encontro nacional de Tecnologia do ambiente construído Florianópolis. Qualidade no processo construtivo*. Analise Florianópolis: UNTAC, UFSC. Pp.657-664.

Medvedovski, N. Brito. 2006. “Os direitos dos arrendatários no programa de arrendamento residencial e os seus reflexos na apropriação da habitação de interesse social”. A

*construção do futuro, XI encontro nacional de tecnologia no ambiente construído*, São Paulo, Pp. 2813-2823.

Reis, A. e Lay, M. 2002. “Tipos arquitectónicos e dimensões dos espaços de habitação Social”. *Ambiente Construído*, Vol. 2, No 3. Pp. 7-24.

Santos, M. 1996. *A Natureza do Espaço (The Nature of Space)*. São Paulo, Hucitec.

Schramm, F. K. 2004. *O projecto do sistema de produção na gestão de empreendimentos habitacionais de interesse social*. Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil Escola de Engenharia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre. Pp. 2-19.